

# O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo  
comprehendam...

RELIGIÃO E SCIENCIA  
LITTERATURA E ARTES

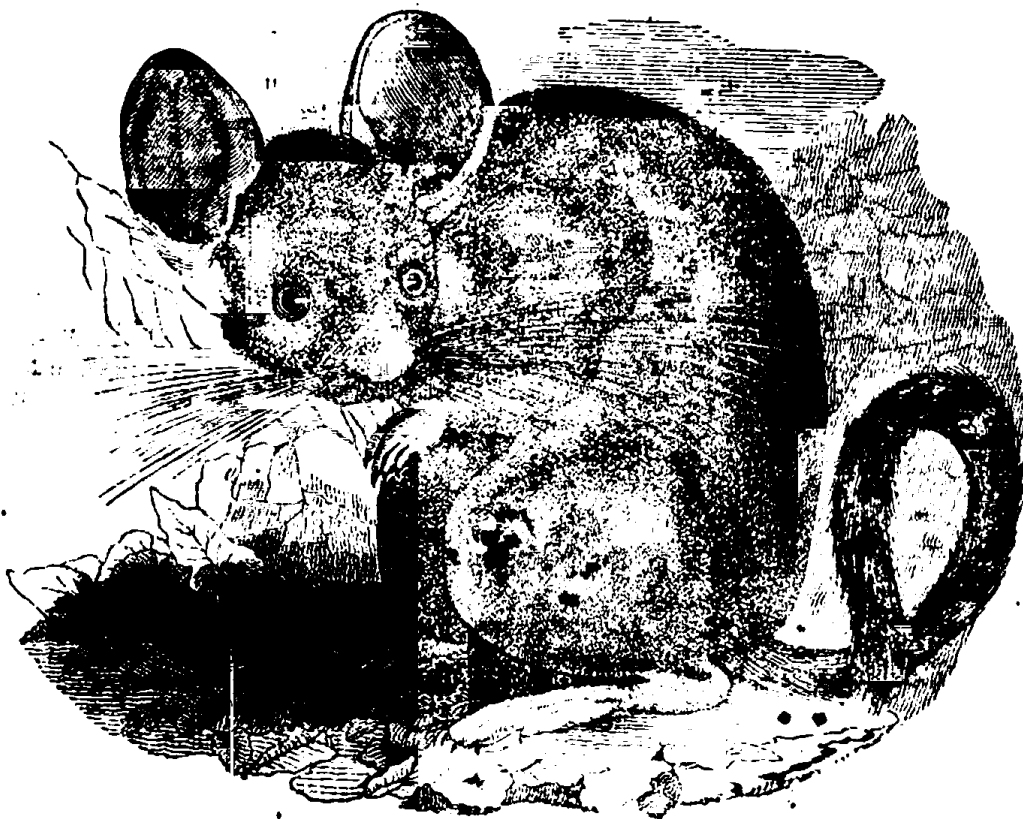
... ad ea quae sunt priora extendens melius  
ad destinatum persequor, ad bravium  
triumphi Ecclesiae... in Christo Jesus

AD PHILIP. 3. 12.

ID. 13. 14.

**SUMMARIO:**—*A irmandade dos clérigos pobres*, pelo Padre Raymundo.—Secção Religiosa: *Simplificação das Bellezas do livro de Job*, por J. C. de Faria e Castro; *A cathedra da verdade*, por J. Faria Gomes.—Secção Scientifica: *O Papulo e a civilização*, *Discurso do Ex.<sup>mo</sup> e R.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Theotônio Manuel Ribeiro Vieira de Castro*.—Secção Historica: *Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus*, 21.<sup>o</sup>, pelo Padre João Vieira Neves Castro da Cruz.—Secção Critica: *Revolução*, por Dom Antonio d'Almeida; *Aos paes remissos*, por A. d'Almeida.—Secção Litteraria: *Receios paternos*, poesia, por A. Moreira Bello.—Secção Illustrada: *O Chinchilha*; *O Gerez*, por R.—Secção Necrologica.—Retrospecto da Quizzena, por J. de Freitas.—Bibliotheca Romantica, 4.<sup>a</sup> folha, *A Filha da Condessa*, versão de Mattos Ferreira.

**Gravuras:** *O Chinchilha*; *O Gerez*.



O CHINCHILHA

## A irmandade dos clérigos pobres

(Continuado do n.º 2)

V

*Irmandade dos clérigos pobres* não emancipa financeiramente o clero portuguez.

Nem se propoz o problema. Faz o que pode, e faz muito. No desfavor, em que vive o

clero, estende-lhe a mão, e dispensa-lhe soccorros, nas mais criticas circumstancias da vida—na enfermidade, quando suspenso, e sob custodia.

Em caso de morte, ainda faz sentir a sua generosa e benefica acção, já nos funeraes, já nos suffragios.

Os fins da *Irmandade* são caritativos e humanitarios.

Na doença, a par de soccorros pecuniarios, destaca visitadores, com alli-

mentos da santa palavra, para a beira do catre dos irmãos enfermos.

No gozo de saude, protege-os no infortunio, e faz-os participantes da applicação de varias missas, durante o anno.

Fallecidos, não descursa o bem d'alma dos seus associados.

a) Manda-lhe sejam cantados um offi-

cio, missa *corpore presente*, e encomendação.

b) Concede-lhe tres missas, em tres dias privilegiados.

c) Mais cincoenta missas, por alma.

d) Participação de tres missas, a cuja celebração, cada irmão é obrigado, durante cada anno.

e) Participação de cincoenta missas, dictas (em geral) pelos irmãos fallecidos, em novembro.

f) E participação ainda de uma missa, dicta em cada mez, por igual intenção.

A *Irmandade* constitue aos associados, um bem d'alma, que ninguem taxará de menos largo.

Quantos de nossos irmãos no sacerdocio, na insulação de laços tão sagrados, como os de familia, não tem sido abandonados a bem desoladoras contingencias, não só ainda com vida, quanto mais depois do passamento!...

Sobre o cadaver de quantos, terá rorejado tão somente a prece d'amigos e camaradas, n'uns rapidos instantes de commoção?!...

E quantos, extinctos os ullimos eccos da tremenda oração *clementissime Deus*, terão recebido o celeste confôrto de outros suffragios?!...

Ila sempre mãos avidas para o que fica, trate-se muito embora do miserri-mo espolio de um ecclesiastico.

Pela sua tranquillidade suprema, haverá sempre um empenhado interesse?!...

Os soccorros temporaes, distribuidos pela *Irmandade dos clerigos pobres* não serão sobejos. Ninguem tambem os trará de escassos.

Ella subministra, durante o primeiro mez, de doença, 1:000 reis quotidianos; no segundo 800; no terceiro 600; no quarto e em cada um dos mezes que seguirem, 500.

O irmão residente na capital, tem a mais, medico.

O que estiver soffrendo pena de suspensão temporaria, recebe 500 reis diarios.

E ainda aqui se não queda.

A todo o irmão que, recorrendo á *Irmandade* nada tenha d'ella exigido, nos 10 annos anteriores, tem direito a mais 5 0/0, sobre a quantia arbitrada. Se não tiver exigido soccorros, durante 15 annos, o accrescimo elevar-se-ha a 10 0/0. Se a abstenção tiver sido de 20 annos, haverá mais 15 0/0. E assim por deante.

A *Irmandade* pensa em fazer augmento, nos soccorros pecuniarios, tanto que o comportem, os recursos do cofre.

Agora vejâmos, como a *Irmandade* provê ao enterramento de cada socio. Fornece:

a) inortalha propria—como se fosse para celebrar;

b) trem para a conducção do cadaver e para a do parochio;

c) caixão e sepultura em separado, até que a *Irmandade* adquira sepulchro exclusivamente para ella, e

d) trens para os seis irmãos, que devem acompanhar o feretro, trajando o habito da *Irmandade*, e tomar das borlas do caixão, à porta do cemiterio.

Tratando-se de irmãos fallecidos, fóra da capital, a *Irmandade* subsidia, com 9:000 réis, o enterramento, que se provar ter sido decente.

Rematando, notem a douctrina do § 4.º do art. 7.

«Se o presbytero admittido fallecer antes de pagar integralmente a joia e as doze quotas respectivas durante o periodo do anno da admissão, será dispendida a quantia com que tiver contribuido em missas por sua alma.»

Sobre generosa, afigura-se-nos cavalleiresca, esta disposição!...

A *Irmandade* pôsto que muito tenha já feito, leva mais longe, as suas vistas.

Tanto que possa, fundará um asylo, um hospital e uma hospedaria.

Com esta applicação, espera obter, que, na proxima legislatura, lhe seja concedido o convento de Santa Martha, em Lisboa.

Recolhidos ali por enfermidade, suspensão ou impossibilidade, os irmãos deixarão de receber soccorros. Terão, em compensação, medicamentos, facultativo, e alimentação.

Se o julgar conveniente, a Meza, porem, soccorrerá, aos irmãos, que n'essas circumstancias se encontrarem, com alguma distribuição pecuniaria.

Depois d'estas indicações, tomadas aqui e ali, sem methodo, sem propositos de esboçar sequer, o plano a que obedecem os estatutos, qual ecclesiastico haverá ali, que não se sinta tomado de sympathia, e instantemente convidado, para a *Irmandade dos clerigos pobres*?!...

De nenhum outro instituto de caridade temos noticia, que, com melhores vistas, mais seguros meios e acção mais inspirada no Evangelho, se propozesse exercer os seus beneficos fins.

Gremio para sacerdotes, revela-se nos proprio de discipulos do Christo.

Rende preitos á Trindade Santissima, e acerca-se do padre, na perseguição, no infortunio, na enfermidade e no tumulo.

Com consolações da palavra, com comunidade de vida, com hospitalidade moral, selecta e isempta de deshonrosa mescla, não desdiz realmente d'aquelles, para quem foi fundada.

O clero vive muito pobre. Mas a *Irmandade* não lhe impõe graves onus.

Quem não poderá persolver a men-

salidade de 400, 500, 600, 800, ou 1:200 reis?!...

Esta quota é estabelecida, segundo a idade do admittido, e é, conforme elle não conta ou conta já 35, 45, 55, ou 65 annos. O fundo da *Irmandade*—muito notavel—é de 24:500\$000 reis.

Se a inscripção de novos irmãos, se fór fazendo regularmente, como se espera, só em quotas deve, em pouco espaço, recolher a *Irmandade* mais de 1:000\$000 reis annuaes.

Com estes elementos financeiros, e com a cooperação de um pessoal consciencioso e vigilante, onde ha confiança, que se esquite á *Irmandade dos clerigos pobres*?!...

Aproveite-se de tão util instituição, todo o sacerdocio portuguez. Faça para ella, convergir o seu indispensavel e effcaz auxilio.

A união faz a força.

A classe sacerdotal é respeitabilissima.

Contam-se n'ella caracteres honestos, inteiros, serios.

Escassamente encontrareis outra, tão escolhida e grave.

Com membros de tal valôr e qualite, que prosperidades se não estão auspiciando, á *Veneravel Irmandade dos clerigos*?!...

## VII

Ao appello da Mesa, grande numero de ecclesiasticos se tem filiado.

Mas é necessario que as entradas vão engrossando.

As nossas ambições chegam até á totalidade do clero portuguez!...

E' preciso, porem, é indispensavel que o episcopado desça a filiar-se tambem, e a prestar o seu inestimavel concurso, n'esta cruzada.

Que não se limite a hyperbolicas lastimas, de um esteril platonismo, todo o interesse com que deplora a mingua do clero, seu cooperadôr.

Nenhum mais feriado ensejo se pode deparar-lhe, para revelar os thesouros da sua generosidade, do que este. Carreê tambem alguns materiaes, para o patrimonio clerical.

A sua palavra é sempre ouvida, e as suas recommendações valem pelo melhor empenho.

Por si, pelos seus arcyprestes, faça chegar, á mais remota e obscura freguezia, a noticia do que é, do que val, do que se propõe, e da confiança, que merece a *Irmandade dos clerigos pobres*.

Em seu auxilio, cõrra tambem o jornalismo catholico.

Pode muito.

Muitissimo.

Não lhe escasseem auctoridades da penna.

De m'allas noticias repetidas, breves e claras da organização da *Irmandade*

desevolvam doutrinas enunciadas nos estatutos; façam palpar os ullimos e mais beneficos resultados, que a sua execução trará; transcrevam e commentem os relatorios, que se forem distribuindo.

E tomando-se este rumo, digam-nos depois se a *Irmandade* decaiu ou prosperou; e se o clero do paiz respondeu ou não, com confiança, aos honrados convites da Mesa, do episcopado e da imprensa.

Estas medidas não dispensam, por sem duvida, os parochos de animar e instigar os capellães e mais clero, que residam nas suas respectivas parochias. Estimulem. O seu interesse—o commum interesse vae n'isso.

Os que não são clerigos, mas que teem a peito a causa catholica, esses mesmo que não deixem de favorecê-la, com as larguezas da sua generosidade. Teem esse facil meio de proteger uma excellente causa, que, sobre catholica e humanitaria, é tambem civilisadora.

Um dos fins da *Irmandade*, é subsidiar a instrucção primaria.

Quantos estabelecimentos de uma caridade avariada, que subministram perniciosa instrucção, não patrocina, por ahi, muita gente de boa fé?!

De quantas doações, de quantos legados testamentarios, com tal applicação, não dão noticia, todos os dias, os jornaes?!

Feita, pois, uma larga propaganda, e recommendada por modo sympathico e familiar, a ecclesiasticos e não ecclesiasticos, a *Irmandade dos clerigos pobres* verá em breve trecho coroadas, as suas melhores aspirações.

Creiam.

Padre Raymundo.

## SECÇÃO RELIGIOSA

### Simplificação das Bellezas do Livro de Job

**ESTE** poema, perfeito no seu conjunto, não o é menos nos seus detalhes. Os tres amigos estam representados em caracter como o pedia a natureza da composição: criticos crueis, severos, promptos a encolerisarem-se, deixando-se facilmente arrastar do piedoso designio de consolar, ás invectivas e aos insultos.

Desde o principio, elles manifestam esta propensão, e percebe-se claramente o que ha a esperar-se d'elles.

O primeiro tomando a palavra, mostra alguma doçura (IV, 2):

«Se começarmos—diz elle—a fallar-te, talvez que tu o leves de má mente.»

Mas a indignação vence-o logo, e elle accrescenta:

«Mas quem poderá conter a palavra concebida?»

O segundo enflamma-se repentinamente e clama (VIII, 2):

«Até quando fallarás tu semelhantes cousas, e as palavras da tua bocca serão um espirito multiplicado.»

Oigamos o terceiro (XI, 2-3):

«Por ventura o que falla muito, não ouvirá tambem? ou bastará a um homem ser grande fallador para justificar-se?»

Para ti só se hão de callar os homens? e depois de zombares dos outros, ninguem te ha de confundir?»

Elles são injustos, provocadores; tudo elles envenenam (VIII, 3):

«Por ventura Deus perverte seus juizos? ou o Todo poderoso destroe o que é justo?»

E é para notar como Job até agora não diz nada contra a justiça divina.

«Quanto é em ti, tens feito vão o temor, e tens desterrado os rogos diante de Deus.»

Tal é a consequencia maligna que elles tiram. Elles intumecem se de orgulho, e vaidade, e empavezam-se da sua erudição dizendo a Job (XVIII, 3-5):

«Porque havemos nós sido reputados por animaes, e sordidos nos vossos olhos?»

Tu que no teu furor perdes a tua alma, por ventura por amor de ti se despoçara a terra, e serão transferidos os rochedos do seu logar?

Por ventura a luz do impio não se apagará, e não resplenderá a chama do seu fogo?»

\* \* \*

Que feliz idéa a da repartição do papel de censor entre tres personagens: um só teria sido muito pouco e sem nenhum valor; innumeraveis detractores seria inopportuno e isso causaria a confusão.

\* \* \*

O poema de Job, maravilhosamente appropriado para exprimir o terror, respira em todo o logar a grandeza e a sublimidade; mas as commoções as mais dôces não são por isso exclusas. O poeta sabe tambem empregar o queixume e a voz da dôr para produzir-se a piedade; e a belleza d'isso está nas seguintes palavras de Job, quando, emfim, elle toma a palavra, e brada na sua dôr amarga:

«Pereça o dia em que eu fui nado, e a noite em que se disse: Foi concebido um homem.

Converta-se aquelle dia em trévas, Deus desde o alto Céu não olhe para elle, nem elle seja esclarecido pela luz.

Escureçam-no as trévas, e a sombra

da morte, cerque-o uma negra escuridão, e seja envolto em amargura.

Um tenebroso redemoinho occupe aquella noite, não se conte entre os dias do anno, nem se numere entre os mezes.

Seja aquella uma noite solitaria, e não digna de louvor:

Amaldiçoem-na aquelles que amaldiçoam o dia, e os que estão promptos para suscitar a Leviathan:

Escureçam-se as estrellas pela sua negridão: ella espere a luz e não a veja, nem o nascimento da aurora quando raia:

Porque ella não fechou as portas do ventre que me trouxe, nem apartou de meus olhos os males.

Porque não morri eu dentro do ventre de minha mãe, porque não pereci tanto que saí d'elle?

Porque fui recebido entre os joelhos? porque me alimentaram com o leite dos peitos? (cap. III, 3).»

Extranho modo de gemer! Não ha senão a Escripura para fallar assim.

«Porque agora dormindo estaria em silencio, e descansaria no meu somno (id. 3.º).»

Esta expressão, *eu descansaria no MEU somno*, é uma coisa admiravel! Dizei o somno, nada seria.

«Porque foi concedida luz ao miseravel, e vida aos que estão em amargura de animo? (id., 20).»

Nunca das entranhas do homem se fez sair da sua profundidade tamanho arranco de dôr como este de Job, expondo a brevidade, e as miserias da vida humana! Eil-o aqui:

«O homem nascido da mulher, que vive breve tempo, é cercado de muitas miserias.

«Que como flor sae é pizado, e foge como a sombra, e jámais permanece n'um mesmo estado.

«E tu te julgas digno de abrir os teus olhos sobre este tal, e trazel-o a juizo contigo?»

«Retira-te um pouco d'elle, para que descance, até que chegue o seu dia desejado, como o do jornaleiro (XIV, 1, 2, 3, 6).

«*Homo natus de muliere, brevi vivens tempore, repletur multis miseris.*»

N'estas bellissimas palavras, a dôr de Job vae chegando ao paroxismo.

A circumstancia, *nascido da mulher*, é uma superabundancia maravilhosa; vê-se todas as enfermidades do homem nas de sua mãe. O estylo o mais perfeito não pintaria a vaidade da vida com mais vigor como o pinta estas poucas palavras:

que (elle, o homem) vive *breve tempo*, e é cercado de *muitas* «miserias.»

Agora a dôr augmenta mais viva, mas ella conserva ainda por interval-

los suas harmonias lamentosas e comovedoras (XIX, 2, 3, 21, 22):

«Até quando alligireis a minha alma, e me atormentareis com os vossos discursos?

Eis ali são já dez vezes que vós me quereis confundir, e não vos envergonhaes de me opprimir.

Compadecei-vos de mim, compadecei-vos de mim, sequer vós que sois meus amigos, porque a mão do Senhor me feriu.

Porque me perseguis, como Deus, e vos fartais das minhas carnes?

\* \* \*

Com que perfeição Job nos pinta a esperança deleitando-se nas suas idéas, engenhosa no crear para si no futuro as imagens de felicidade, nutrindo-as com fé, descrevendo-as e embelezando-as com todos os transportes de alegria (XXIX, 18-23):

«E eu dizia: Eu morrerei no meu ninhosinho, e multiplicarei os meus dias como a palmeira.

A minha raiz descoberta está junto ás aguas, e na minha seara fará assento o orvalho.

A minha gloria sempre se renovará, e o meu arco se fortificará na minha mão.

Os que me ouviam, esperavam a minha sentença, e em silencio estavam attentos ao meu conselho.

Não ousavam ajuntar nada ás minhas palavras, e minhas razões caíam sobre elles como orvalho.

Esperavam-me como a chuva, e abriam a sua bocca como ás aguas tardias.»

Isto excede em belleza tudo o que Homero disse, e todos os grandes escriptores desde Homero até nossos dias.

E esta outra formidável belleza, a da visão que vem n'este sublime livro que temos analysado, em 4 estudos, o *Livro de Job*, o capit. IV, v. 13-16:

«No horror d'uma visão nocturna, quando o somno costuma occupar os sentidos dos homens,

«assaltou-me o medo, e o tremor, e todos os meus ossos estremeceram.

«E ao passar diante um espirito, os cabellos da minha carne se arripiaram.

«Parou diante um, cujo rosto eu não conhecia, um vulto diante dos meus olhos, e ouvi uma voz como de branda viração...»

\* \* \*

O genio que brilha no discurso que o poeta põe na bocca do Creador tem sido uma materia de admiração em todos os seculos.

Elle começa assim: «E respondendo o Senhor a Job, do meio de um redemoinho, disse: Quem é este, que mis-

tura sentenças com discursos ignorantes?—Cinge os teus lombos como homem: perguntar-te-hei, e responde-me.—Onde estavas tu, quando eu lançava os fundamentos da terra? dize-m'o se é que tens intelligencia.—Quem deu as medidas para ella, se é que o sabes? ou quem lhe lançou o cordel?» (cap. XXXVIII).

Isto é tão bello, que recommendo aos leitores de irem lel-o todo na Escripura, este capitulo!

J. C. de Faria e Castro.

### A cathedra da verdade

CATHEDRA magestosa e veneravel, d'onde se ensina a sciencia das sciencias; o lloreb sagrado d'onde brota o rio chrystallino que extingue o fogo das paixões; o segundo Sinai onde se faz ouvir a palavra magestosa de Christo, eis o que é o pulpito catholico.

D'esse logar sagrado, d'esse solio augusto emana o alento, o vigor, o conforto para os tímidos, o allivio para os tristes e a consolação para os infelizes.

Ahi se ensina ao rico a caridade, ao pobre a resignação; ao incredulo a abraçar a unica religião verdadeira, e ao crente a defendel-a com heroismo.

D'ahi emana a luz brilhante que penetra na consciencia dos homens e lhes mostra as deleterias maculas que a inquinam; a luz que dissipa as trevas da ignorancia e faz apparecer aos olhos dos indoutos as verdades catholicas em todo o seu brilho e esplendor.

Do pulpito, d'esse lloreb sagrado jorra limpida agua que, caindo sobre os animos depravados com o asqueroso vicio, sobre as almas impetadas da iniquidade mephitica, apaga o fogo exterminador das paixões pestilentas, e abranda os corações insensíveis.

N'esse Sinai rutilante com a magestade divina se faz ouvir, pela bocca de seus enviados, a veneranda palavra de Christo que enche de pavor os impios, e os bons de prazer e confiança. A palavra do nosso Moyses, do orador sagrado a uns leva conforto e alegria, a outros incute esperanza e a muitos arranca do charco immundo do vicio; a estes cura a ulcera hedionda da soberba e áquelles a gangrena asquerosa da lascivia.

O pulpito é a campanha d'onde se combatem os impios com as lucidas armas que a razão fornece; o pulpito é a tribuna sacra d'onde se anima o povo catholico, os proselytos da Igreja, na perseverança na virtude e no combate contra os monstros infernaes; o pulpi-

to, finalmente, é a cadeira sagrada d'onde se ensina a sciencia das sciencias, o *evangelho* de Christo.

J. Faria Gomes.

## SECÇÃO SCIENTIFICA

### O Papado e a Civilisação

*Discurso pronunciado pelo Ex.<sup>mo</sup> e R.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Theotônio Manoel Ribeiro Vieira de Castro, professor e Vice-Reitor do Seminario portuense, por occasião da solenne abertura das aulas do mesmo Seminario.*

(Continuado do n.º anterior)

AS não basta. No decurso dos seculos, o Papado, guarda vigilante do deposito da verdade profligou e destruiu cerca de 300 heresias, que segundo o computo de um contemporaneo, surgiram até hoje no horisonte do mundo religioso. Desde o magico Simon, e os dualistas Gnosticos ao impio Ario; desde o soberbo Pelagio aos contradictorios Nestorio e Eutycles; desde o rebelde Phocio ao racionalista Abelard, aos anarchistas Albigenses, e aos pantheistas Wicclellitas; desde os fatalistas discipulos de Ilus aos cambiantes Pseudo reformadores; desde o confuso Baio e o tyranno e hypocrita Jansenio, e o ultra regalista Febronio aos contemporaneos Hermesianos, Tradicionalistas, Racionalistas, Pantheistas, os Pontifices tiveram de sustentar uma guerra titanica e porfiada já directamente, ou por meio dos eloquentes Doutores que appareciam opportunamente, já e principalmente por essas assembleias augustas e magestosas, deante das quaes se curvava o scepticismo de Thiers (1), esses senados da catholicidade, na phrase de Alberto de Boys (2) e que vão desde Nicéa ao Vaticano, desde Toledo a Baltimore.

E não se censure ao Papado a exemplo de alguns historiadores modernos, ter combatido sem tregoa as estravagancias sectarias, sempre renascentes; não se diga ter travado a legitima evolução do espirito humano.

A verdade com effeito, Meus Senhores, é a vida, o pão, a luz das intelligencias.

Por consequencia como reconhece Montaigne (3), esse ousado apologista dos direitos da razão, é servir os verdadeiros interesses da intelligencia,

(1) Histoire du consulat, et de l'empire, lib. 12.

(2) De l'influence sociale des conciles, cap. X.

(3) Essais, pag. 528.

apontar-lhe as faltas, prevenir-lhe os desvios para o paradoxo, ou para a utopia. Por isso os mais bellos e fecundos genios sempre abençoaram e beijaram as cadeias que os prendiam á suprema verdade.

Por outro lado o Papado, órgão da verdade revelada, aos pés da qual os Bossuet e os Leibnitz depois de terem pesado o dizer de todos os philosophos vinham, diz Thiers, (1) *submitter* o seu soberbo genio, o Papado nunca temeu a discussão leal e util, para elucidar as questões ainda entregues ás disputas dos homens; pelo contrario sempre a garantiu e preconizou e recommendou como nobre divisa de espiritos rectos. *In dubiis libertas*. D'isso nos offerece numerosos e bellos exemplos a admiravel historia dos Concilios.

Demais tendo como missão especial lançar jorros de luz sobre as intelligencias, o Papado procurou desenvolver a actividade intellectual da Europa diffundindo a instrucção. Já nas catacumbas, diz Ozanam, a fé nova tinha aberto escolas, e ahí se ensinavam, como nota Laforet depois de S. Agostinho, aquellas verdades sublimes que Platão saudava como o apice da philosophia, e julgava inacessiveis á maioria da humanidade de modo que, já no 4.º seculo, o estado intellectual da sociedade religiosa era muito superior, confessa Guizot, (2) ao da sociedade civil. E como successivamente, por direito de iniciativa e de dedicação, os primeiros estabelecimentos de instrucção publica eram dirigidos por Bispos, Padres e Monges, os Papas, diz Bonnetty, (3) por uma consequencia natural, tinham tomado todas as escolas sob sua protecção e davam-lhes leis. As gerações saudavam então a Igreja com o bello titulo de pedagoga do genero humano: «magistra gentium.»

Essa solicitude do Papado não se limitava a abrir innumeraveis escolas e gratuitas para illuminar as intelligencias da infancia e da adolescencia. E' um facto notorio que os Pontífices Romanos foram tambem os fundadores ou os patronos magníficos e indispensaveis de todas as Universidades europeias, cujo programma, como consta da Bulla da fundação, estendia-se a todas as sciencias da epocha: *universis scientiis*.

Tão esclarecido amor dos Papas pela instrucção fazia organizar em Roma, seculos antes de o ser no resto da Europa, o estudo das sciencias naturaes.

E' o que o illustre archeologo Comendador Rossi demonstra, com factos, num livro recentissimo sobre a Bibliotheca Vaticana.

Leão XIII seguindo, apesar da sua situação, o nobre exemplo de seus predecessores, delega um Prelado para estudar a electricidade nas exposições industriaes e scientificas de diversos países, envia a Moscow, o distincto successor do Padre Secchi, o Padre Ferrari para estudar o recente eclipse total do sol, prova emfim incessantemente o vivo interesse que lhe despertam os progressos das verdadeiras sciencias, desde que fique cada uma dentro da sua respectiva provincia, com a liberdade definida no Concilio do Vaticano.

Mais ainda:

Variados e seductores erros philosophicos serpearam no campo das sciencias. A cadeira de Pedro porém permanece immaculada: como se um cordão sanitario tivesse sido traçado de volta d'ella por mão mysteriosa, apparece constantemente como o dominio reservado que uma quarentena providencial põe ao abrigo do flagello devastador. E ao mesmo tempo ergue-se como invencivel gigante, e desce á arena.

Sirva de exemplo o nosso seculo.

Após as agonias de Pio VI e Pio VII, a Providencia poz á frente do Papado, dois homens dotados de energica indomavel, e entusiastas no serviço do dever: nota distinctiva dos heroes. Gregorio XVI e Pio IX eram d'essas almas elevadas e firmes que parecem feitas para viver no seio das tempestades, e para oppôr ao seu furor a serena intrepidez d'uma força consciente de si, e da sua missão.

A Encyclica «Mirari vos» foi uma verdadeira declaração de guerra aos novos erros. Mas o estrepito da anarchia intellectual ainda era tão ensurdecador que a voz de Gregorio pareceu perder o seu echo. Mas a Encyclica «Quanta Cura» promulgada, por Pio IX, 32 annos mais tarde e acompanhada do Resumo dos erros contemporaneos philosophicos e sociaes, suscita um tal delirio de invectivas desde Gregorio VII nunca assim visto.

Mas o erro não se rende; divisa illusoria na condemnação Pontificia. E a Providencia, por uma verdadeira ironia, promove aos olhos do inimigo a definição do dogma de infallibilidade Pontificia.

Leão XIII sobe ao throno; e com a perspicacia do seu robusto talento reconhece que para restaurar a ordem intellectual era urgente chamar os espiritos para uma verdadeira philosophia e para uma verdadeira historia.

Promulga então a Encyclica «Aeterni Patris» onde sanciona o distincto logar da philosophia na encyclopedia das

sciencias, e onde dá uma solida orientação á actividade intellectual, propondo o estudo da Philosophia em que tem o Primado—a Agua de Aquino.

Na verdade, Meus Senhores, a philosophia, ha tres seculos, ora oscila entre o empirismo e o idealismo, ora esgotada de forças estereis regressa a seguir os sophistas do 5.º e 3.º seculo antes da era christã, e com Hume e Bayle, e o seculo XVIII e com Hegel e uma fria escola do nosso seculo deixa-se cair no barathro do scepticismo, concluindo que a contradicção não existe, que o eu e o não eu são identicos. E' Senhores que só uma Philosophia existe, e é aquella que responde adequadamente á totalidade das exigencias da nossa natureza. «*L'homme n'est, ni ange, ni bête*» disse Pascal, mas tem d'um e d'outro, teria podido accrescentar, isto é de intelligente, e de sensivel.

Por isso no dia em que Descartes, querendo operar uma Reforma consummou a sua ruptura com a philosophia tradicional, e pronunciou o divorcio entre a alma pensante e o corpo machina; provocou o exclusivismo, seguido logo da hostilidade das sciencias physiologicas e psychologicas, e occasionou assim, por seu espiritualismo exagerado, uma reacção do materialismo, que elle queria combater. Entre a hypothese d'uma substancia que se ergue, e desenvolve pouco a pouco, e a da intervenção subita d'um ser de natureza completamente diversa, os factos biologicos dão mais credito á primeira, e concebe-se que Comte, Littré e seus admiradores, a quem não se offereça nenhum meio termo, tenham tomado o partido de se chamarem positivistas.

Cousin apressara este desenlace fazendo abstracção da philosophia escolastica, cuja marcha tranquilla se conservou sempre atravez dos systemas que se definham a seus lados: o chefe dos ecleticos não foi n'isso bastante eclectico.

A Escolastica, porém, inculcada por Leão XIII, não a philosophia escolastica dos seculos da decadencia, mas a que attingiu a sua idade de ouro no seculo XIII, tendo precisamente como traço caracteristico a união da experiencia e da especulação racional, a combinação da analyse e da synthese, é pois a philosophia mais racional e completa.

E' a lucida e solida philosophia d'esse grande philosopho do Occidente, Thomaz de Aquino, que completa as vistas de Aristoteles, pelos ensinamentos de Platão, essa duploa personificação da analyse e da synthese mental, e pelos trabalhos d'esses gigantes do pensamento os Padres Gregos e Latinos, quasi todos discipulos da Nova Academia e do Lyceu, os Clementes

(1) Obr. e lib. cita.

(2) Histoire de la civilisation, 4.ª liq.

(3) Annales de la Philosophie religieuse, 1838.

os Justinos, os Origenes, os Gregorios, os Basilios, os Theodoretos, os Agostinhos, os Anselmos.

Assim Leão XIII deixando uma ampla arena ás forças da razão, a affastamento do scepticismo e do materialismo, essas dois polos, entre os quaes oscila a humanidade emancipada da fé. E a sciencia e a metaphysica, por mediação de Leão XIII, voltam a dar-se o osculo da paz; attestam-n'o a criação de muitas escolas de Philosophia christã, e bem assim bastantes obras e Revistas que correm o mundo scientifico contemporaneo.

Mas Leão XIII comprehendeu que os erros do nosso tempo tinham tam-bem corrompido o objecto e o fim d'essa grande epopeia do universo e dos seculos—a historia.

(Continua)

## SECÇÃO HISTORICA

### Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus

21.

(Continuado do n.º anterior)

XXXVIII

#### P. José Jouvency

Não ha homem verdadeiramente versado na litteratura, e que aprecie a pureza, a elegancia e a facilidade do estylo, a riqueza das expressões, a boa critica historica, que não tenha na maior consideração o jesuita José Jouvency. O seu nome é conhecido de todos os bons latinistas.

Nasceu este erudito em Paris, a 14 de setembro de 1643. Tendo ensinado humanidades em varios collegios da Companhia, com inexcusable distincção, foi chamado a Roma pelo seu Geral, a fim de continuar a *Historia* da sua Ordem, principiada por alguns dos seus confrades.

Para uma obra de tanta importancia exigia-se um sabio consummado, um homem de raro talento; para esta empreza foi escolhido o P. José Jouvency, jesuita francez, como que reunia todos os predicados necessarios para a levar a effeito. Corria então o anno de 1699.

Este jesuita cumpriu dignamente a missão que lhe foi confiada, proseguindo a obra desde 1591 até 1616. E' escripta em latim puro e com a maior elegancia. Por este trabalho é o P. Jouvency equiparado aos melhores historiadores.

Alem d'esta obra que lhe grangeou que fazemos outros muitos historiadores, muitas obras de merecimento e de geral estimação, a maior parte das

quaes versam sobre humanidades. Foi elle o primeiro que fez edições dos antigos auctores classicos, expurgadas, a fim de serem lidos sem perigo pela mocidade.

Em consequencia d'isto, todos os que se interessam pelas bellas letras e pelos bons costumes não podem deixar de bem dizer, como effectivamente bem dizem, a ideia do jesuita Jouvency.

Elle fez notas, cheias de clareza e precisão, aos livros de Terencio, Horacio, Ovidio, Persio, Juvenal, Marcial e Cicero. Todos os seus escriptos revelam profundo estudo da antiguidade classica.

Temos tambem d'elle um excellente compendio de mythologia que teve, e ainda tem, auctoridade nas escholae. Serviu de modelo ao que depois publicou o celebre Pedro Chompré.

Morreu este sabio jesuita a 29 de maio de 1719, em Roma, onde desde muito tempo residia por ordem dos seus superiores.

Agora advertiremos que a obra do P. Jouvency, em que trata da *Historia* da Companhia de Jesus, foi condemnada em França pelo parlamento; e devia acontecer assim, porque elle sustentou principios inteiramente oppostos ás maximas gallicanas e jansenistas.

Mais tarde tambem incorreu no odio dos inimigos dos jesuitas, quando foi proscripta a Ordem de Santo Ignacio. Lá apparece o nome do P. Jouvency nos libellos do duque de Choiseul e do marquiz de Pomal. E, o que parece incrível, é que elle fosse accusado de defensor do regicidio!

O infame e impio *Extracto de asserções*, publicado em França, diz que Jouvency collocou os assassinos dos reis no numero dos martyres.

Mas em que parte das suas obras assevera elle isto? Em nenhuma.

Na *Historia da Companhia de Jesus*, Jouvency defende os jesuitas da accusação de regicidio. Mostra que João Guignard e Henrique Garnet não tiveram a menor culpabilidade no assassinato de Henrique III, rei de França, e na conspiração das polvoras. Diz que elles padeceram injustamente o supplicio, porque estavam innocentes.

Tudo isto é uma verdade que hoje está plenamente demonstrada pelos criticos judiciosos.

E quem assim escreve contará os assassinos dos reis no numero dos martyres? Para se dizer isto era necessario que Jouvency confessasse que taes homens foram na realidade assassinos. Mas elle prova que é uma calumnia; o

Finalmente, o mesmo jesuita Jouvency diz na sua *Historia*: «Detestamos a dou-

trina do regicidio como prohibida pelas leis divinas e humanas.»

XXXIX

#### P. Manuel de Sá

Este sabio e virtuoso jesuita nasceu em Villa do Conde, n'este nosso reino de Portugal, no anno de 1530. Não só por ser um varão famoso em sciencia e virtudes, como por ser um dos primeiros jesuitas portuguezes de grande fama, não podiamos omitir o seu nome n'esta *Galeria*.

Manuel de Sá tomou o habito de Santo Ignacio em Coimbra, a 27 de abril de 1545. Ensinou varias sciencias em Coimbra e Roma, e n'esta ultima cidade, onde viveu muito tempo, foi applaudido por todos os sabios e conseguiu a estima do Papa S. Pio V que o empregou n'uma nova edição da *Escriptura Sagrada*.

Foi distinctissimo orador, prégando com successo nas principaes cidades da Italia. Na Universidade de Gandia teve a gloria de ser mestre do duque D. Francisco de Borja, que depois, entrando na Companhia de Jesus, foi seu Geral, e finalmente se acha canonisado pela Egreja.

O P. Manuel de Sá morreu em Milão a 30 de dezembro de 1596, com fama de santidade. Deixou varias obras, sobresaindo os seus *Commentarios* a toda a Biblia.

Ainda que esses *Commentarios* sejam curtos e litteraes, todos reconhecem a sua importancia mesmo pela sua brevidade e precisão, muitas vezes de mais utilidade que os longos *commentarios*.

Escreveu tambem a obra intitulada *Aphorismos dos Confessores*, de que fazia grande estimação Santo Affonso de Liguori. E' um pequeno opusculo; e, comtudo, diz-se que o P. Sá gastou quarenta annos na sua composição. Todos os tratadistas de theologia moral citam com louvor este precioso livrinho, fructo da experiencia, do engenho e da solida piedade do auctor.

(Continua)

P.º João Vieira Neves Castro da Cruz.

## SECÇÃO CRITICA

### Revolução

Os revolucionarios de todos os Paizes assimilham-se pois que sam ejusdem surfuris atque surinae.

Como no mais não se desdizem em desperdicios de dinheiro, que sahem por inais ou menos ex-torção das algibeiras dos Povos, ou do





O GEREZ

sangue de estes. Em França lembra-permite a realização do monstruoso e com esta quota parte será impos-ram-se de recente da erecção de um projecto, mas a comissão, antes de sivel a columna, que aliás chegará, movimento glorificativo da Revolução e encerrar seus trabalhos nefastos, ap- como disse um bom critico, para fazer para isto foi formada uma comissão, provou a idéa de um dos seus mem- plantar um pdu, dignissima columna que apresentou um projecto n'aquelle bro e que consiste no alevantamento Symbolica da Revolução.

sentido, cuja realização deverá custar de uma columna marco da Revolução. E realmente a liberdade, a fraterni- 12 milhões de francos. Embora não es- em cada uma das communas ou Muni- dade, a igualdade, da Revolução e dos teja auctorizada oficialmente aquella cipios de França; porem o proponente revolucionarios, sam de pdu e a pdu somma, ao menos por ora, uma pri- entendeu: que em vez de obrigar as sustentadas pois que força bruta é pdu/ As palavras melifluas mas não melife- meira quantia de 50,000 francos está communas a erigir a infame columna, As palavras melifluas mas não melife- destinada desde já e para premios aos se abrisse simplesmente o credito de- ras não faltam aos revolucionarios, po- artistas francezes, que tomarem parte um milhão de francos para ajudal-as- rem sam ellas traçoeriras porque a rea- no concurso para que seja effectuado no maligno intento. Contados os Muni- lidade é serem as mesmas pdu. O san- quele outro novo Escandalo publico! cipios de França e divididos por elles- gue que a Revolução tem feito correr com o seu duro pdu juntado poderia Difficuldade, embora a boa vontade, não'o tal milhão caberá a cada um 25 fran-

formar um lago que daria liquido para n'elle navegarem navios de alto bordo; as lagrimas vertidas por causa dos actos da Revolução poderiam formar outro lago por onde se poderia navegar à vella e a vapor, e não menos como consequencia e horroroso effeito do *ptu*-Revolução; com os cadaveres e as ossadas dos *martyrisados* pela Revolução se poderia fazer uma muralha capaz de circundar uma parte da Europa, e todo aquelle *material*, ou antes respeitabilissimos restos, preparado e executado a *ptu* pela Revolução; os ataques à Propriedade sacra e profana, o tiro-l'ò porque o *quéro*, foi para *passarem os revolucionarios* e por estes adquirido a *ptu*; as eleições, que a Revolução annunciava *libérrimas e conscienciosas*, não se veresficam senão *opprimindo e corrompendo*, e assim sam passadas ou feitas a *ptu*; é da *theoria revolucionaria* que as *maiorias* devem Governar os Povos, e em vez de isto sam estes *Governados* pelas *minorias*, por isso que estas se armam a *ptu*; as *invasões* e as *anexações*, que a Revolução tem feito, que cousa sam mais que o resultado do *ptu* *revolucionario*? a *diplomacia* feita pela Revolução não é outra cousa que *pauladas* de mãos com luvas brancas, ou antes diremos «*manchadas*» a *politica* com os *principios de oitenta e nove* é *politica de ptu*; o ensino *materialista* e *materia-*lisado sob o bafo pestilente da Revolução é a *ptu*; todas essas *bellesas* *apparentes*, de que tanto se applaude a *civilisação modernissima*, são devidas, no que não contem de verdade real, ao *ptu*; todo esse enfraquecimento na saude, *moral* e *physica*, é consequencia do dominio do *ptu* *revolucionario*; a perda dos costumes, a criminalidade crescente, a impunidade complacente, sam filhas da *armadura paula da Revolução*; os lamentos da agricultura, da navegação, do commercio, da industria, sam consequencia da *dureza apaulada revolucionaria*; todos os males presentes sam *pauladas dos revolucionarios*, e todo esse nocivo e enfatuado *Moder-*nismo: é de *ptu* e tenho dito! As *cousas* sam: *moraes* ou *materiaes*, *espirituaes* ou *corporeaes*, *moralisadas* ou *desmoralisadas*; e assim ou se vai com Deos ou com Satanaz; a Revolução é *Satanica* e por consequencia é *material*, é *corporea*, é *desmoralisada*, e só pela *força bruta opéra*; a *força bruta* nas mãos dos *revolucionarios* é *material* e *materia-*lisada e por isto de *ptu* *diabolico*, que é a *lenha do Inferno* e a *madeira* com que é feita a *ferro-via* que conduz ad *inferos*. O *monumento da Revolu-*ção está feito por *ella-mesma*: toda a ruina que se presencia e profundamente lamenta é *obra da Revolução*, e eis o *seu monumento*, nem póde ser

outro; os *louros* não assentam na *ca-*beça do *Demo*. Um dos maiores *teste-*munhos da *degeneração presente* é essa obra escandalosa com que se prepara o *Escandalo da Exposição* de Pariz para commemorar os *horrores revolucionarios* e excitar a *novos horrores*! E' *elle* um *desafo à Justiça Divina*; e que fará Deos assim ultrajado? Altissimos sam os *Juizos Divinos*! Se *aquelle ultrage* não tem *apparencia ultrajosa* tem de *ultrage a realidade*, pois que é ultrajar à *Divindade* o applaudir de qualquer modo *principios* de todo contrarios aos *Principios Eternos*. A *loucura* é uma *doença*, porem a *loucura impia* é um *peccado grave* e assim *afasta o homem* de Deos, tornando-se o *homem escravo* do *Diabolus*; o *Divino Redemptor* Remiu o *homem* do *Cativeiro* de *Satanaz*, os que *peccam gravemente* cahem n'aquelle *cativeiro* e de este modo os que abraçam a *Revolução* por isso que *esta* foi e é *condemnada* pela *Egreja* de Deos!

Dom Antonio de Almeida.

### Aos paes remissos

Não consintas que teus filhos  
Fizem deshonorozos trilhos.

↑ DESGRAÇA da sociedade hesterna está para a da hodierna assim como a da hodierna está para a da crastina:

Nossos avós não ensinaram a nossos paes, nossos paes não nos ensinaram a nós, e nós não ensinamos a nossos filhos, porque nossos paes já assim fôram e nossos avós já assim eram...

Eis aqui, ó paes remissos, d'onde vem o grande mal, mal tão velho como Adão e tão rebelde como Caim!... Eis aqui, ó paes sensatos, eis aqui o que muitos e muitos paes de familia costumam dizer, pretendendo assim justificar o mal do mau ou pessimo ensino que dão a seus filhos com uma sem razão que constitue o maior e o mais desgraçado dos hebelismos populares! Mas ainda aqui não pára, porque os desgraçados, como que recapitulando a sua magna estupidez, concluem:

São filhos do tempo; mas o tempo hade dar n'elles...

São filhos do tempo, dizem, como que se o tempo fôsse ou pudesse ser a cauza da má educação de seus filhos ou da d'alguem!

São filhos do tempo!? Que quer isto dizer?!

São mas é filhos da irreligião dos paes e netos da má educação dos avós!

São mas é filhos do crime e netos da corrupção!

São mas é filhos do progresso van-

dalico e netos da descrença selvatica! São mas é filhos da desgraça e netos da miseria!

Da descrença provem a desgraça das nações e a miseria dos povos.

E vós, ó paes remissos e irreligiosos, depois dos aniros da propaganda do mal e dos governos que os toleram, quando os não auxiliam, sois a unica cauza da corrupção social e da miseria popular!

Mas... que dissémos?... Uma tolice.

Os membros d'esses antros e os homens d'esses governos não foram já todos filhos de familia?... Foram.

Logo, vós, e só vós, ó paes remissos, é que fosteis, sois e sereis sempre os unicos progenitores da desgraça das nações e da miseria dos povos, porque um homem bem formado desde pequenino não se corrompe facilmente. A historia o diz, a consciencia o afirma.

E por isso os paes de familia que não ensinam seus filhos no sancto temor de Deus, Alpha e Omega de todo o homem e Principio de toda a sabedoria humana, são, segundo as circunstancias, uns eternos insensatos ou uns eternos malandros ou uns eternos desgraçados ou uns eternos perversos, porque da sua desgraçada descrença vem a de seus filhos, da de seus filhos a de seus netos, e assim successivamente, porque são filhos do tempo...

Ha duas especies de descrença: uma ignorante, outra instruida.

A descrença ignorante é uma besta lanzuda, mais lapardana do que astuta, de que facilmente se foga, porque não sóe mentir; mas a instruida é uma fera pellada de que é necessario saber-se fugir, porque é tão mentida como astuta.

Horrida coiza é a descrença!

Da ignara fugi, ó gentes, mas da instructa sabei livrar-vos, ó povos, porque ella, de cima do ultimo bugalho do seu castello, ameaça os reis e os vasallos, os grandes e os pequenos! E chama aos reis uns pequenos basbaques ou uns palhaços coroados! E chama aos grandes uns pedaços d'anos d'uns pavões doirados! E chama aos pequenos uns estupidos barrambanas que constituem o opprobio da sociedade e a vergonha da civilisação moderna!

A descrença não quer leis nem auctoridades, nem moral nem religião, nem Ceu nem Inferno! A descrença não quer se não a soltura e a destruição!

Mas porque não hade a descrença ver que «ainda que Ceu não houvera e Averno não existira...» a moral seria sempre a alma das nações e a vida dos povos, porque a força moral succede a material que arruina as nações e selvagiza os povos?

Mas porque não hade a descrença ver que o mau filho ou o filho mal edu-



cado não é para si, nem para seu pae, nem para ninguém, ao passo que o bom ou o bem educado é para ambos e para todos?

Mas porque não hade a descrença ver que o mau filho chega a não conhecer seu pae ao meio dia, sendo que o bom o chega a reconhecer á noite?

Mas porque não hade a descrença ver que o pae que de manhan se não faz obedecer, empregando para isso todos os meios suazorios e repressivos, se tanto for necessario, porque ao meio dia seja respeitado e á noite reconhecido, não é digno de ser pae?...

Porque não quer. E não quer porque se quer só.

A descrença é uma fera que odeia a moral e que instiga os povos á guerra!

A descrença mãe ou a instructa é um despota ambiciozo que forceja por se ver só para, depois de implantar o ferrenho nerismo que seus torpes ensinamentos dia a dia vão conquistando e requerendo, satisfazer soltamente as mil paixões que geralmente a caracterizam: razão porque odeia a moral e detesta a paz.

A descrença é o progresso do mal, e o progresso do mal é a destruição do bem.

.....  
Emquanto os paes de familia não virem o seu segundo dever na educação religiosa de seus filhos; enquanto o primeiro, que é amar a Deus sobre todas as coizas e ao proximo como a nós mesmos, lhes não ensinar a cumprir o segundo, elles não serão dignos do nome de pae, porque esta educação é mais necessaria do que a propria alimentação. E tal é a obrigação de a ministrar e a facilidade de a obter, que nem a sua ignorancia nem a sua pobreza os poderá desculpar de tão grande falta, porque a Eschola chega a todos.

A Eschola é a Igreja.

Pensae bem n'isto, ó paes remissos! Os filhos sem educação não teem paes, e os paes de taes filhos não teem filhos. E muitos e muito grandes são os castigos de taes paes e de taes filhos:

Elles não teem paes, elles não teem filhos; elles são malvistos dos homens, elles são malvistos de Deus; elles são amaldiçoados dos paes, elles são amaldiçoados dos filhos; elles são excluidos da bemaventurança eterna, elles são amaldiçoados de Deus, elles são condemnados a penas eternas!!

Horrida coiza é a descrença!...

Mas, por hoje, ainda que pouco a propozito venha, concluâmos o nosso escriptinho com um *brinde* á mesma descrença ou á hydra destructiva que protege o

VANDALISMO

Quando ás vezes pensozo proouro  
Ver a luz que o progresso apregôa,

Bem depressa deparo co'o escuro  
Que hoje traz os Voltaires á tóa...

Mas lá vejo, lá vejo o fulgir  
Do progresso infeliz, negregado!  
Lá o vejo no fundo a luzir  
Como luz um sapato engraxado!

Nada é nada se não a sciencia,  
Não ha Deus, não ha Ceu nem Inferno!  
Dá-se ao homem a vil procedencia  
De um macaco! Oh saber hodierno!...

A descerer ensinemos! bramiram  
Mil Snñeres que ao Ceu insultaram!  
E prostibulos sem conto se abriram,  
E Conventos aos mil se fecharam!

A descerer ensinemos! rugiram  
Mil descrentes que tudo negaram!  
E mil males no ual progrediram,  
E Conventos aos mil se roubaram!

A descerer ensinemos! disseram  
Impios mil que por sabios passaram!  
E cadeias ás mil se fizeram,  
E Conventos aos mil se arrazaram!

A descerer ensinemos! bramaram  
Mil desceridos ou cegos atheus!  
E á descrença e ao crime chamaram  
Liberdade integerrima! Oh Deus!...

Mas um dia virá em que os sabios  
Clamarão contra tanta maldade,  
Porque o mundo hade ouvir de seus labios  
Que Licença não é Liberdade!

Dominus regnavit, irascantur populi.  
Beatus vir qui timet Dominum, in mandatis ejus volet nimis.— Salmos 98 e 111: 1 e 1.

A. d'Almeida.

(1) Este escripto satisfaz a promessa da pag. 237 do volume anterior.

SECÇÃO LITTERARIA

Receios paternos

*Aimè! un padre  
Teme ognor, nè mai troppo.*

DELIA VALLE.

Bem sei, Senhor, que dissestes:  
«Pedi, que recebereis»;  
Que das alturas celestes  
Nossos rogos attendeis.  
Sei-o, e por isso vos peço  
Que de um filho que estremeço  
Vós guarda e guia sejaes;  
Que o preserveis de perigos,  
E olhos paternos e amigos  
No ente querido ponhaes.

E comtudo temo e tremo!  
Tristeza, inquietação,  
Trazem-me em aperto extremo  
O pobre do coração!  
Nas horas de apartamento,  
E' cada instante um tormento  
Para a minha alma, ai de mim!  
Vós, que sois Pae amoroso,  
Bom, misericordioso,  
Perdoae-me, se pecco assim.

Do vosso poder divino  
Não duvido, grande Deus;  
Mas sim de que eu seja dino  
De ouvirdes os rogos meus:  
Se infinda é vossa bondade,  
E' maior minha maldade,  
E causa do meu terror!  
Não olheis pois quem vos pede,  
E só com piedade vêde  
O objecto do seu amor.

Minha tristeza e receio,  
Mais uma vez, perdoae:  
O filho ausente pranteio,  
Porque sou fraco e sou pae!  
Perdoae, que sois clemente,  
A este miserrimo ente,  
Mas que incredulo não é:  
Se a paz lhe foge e alegria,  
Em vós espera e confia,  
Pois tem na alma amor e fé.

Porto—1888.

A. Moreira Bello.

SECÇÃO ILLUSTRADA

O Chinchilla

**H**m pouco de historia natural, para desfastio, não é fóra de proposito, e sempre daremos d'ella um retalho, uma vez por outra, visto que o titulo da nossa Revista d'isso nos não impede.

Este pequeno animalejo (desculpem os que descendem do Macaco, que podem achar n'este algum parentesco) que por seculos viveu ignorado na Europa, foi conhecido em 1782 quando o Padre Molina (jesuita, nos parece) o descreveu no seu *Ensaio sobre a historia do Perú*, fazendo desaparecer um erro gravissimo em que muitos auctores estavam, confundindo-o com outros animaes que a elle se assimilavam.

Devemos, pois, esta descoberta a um padre jesuita, pelo que devemos juntar mais este *attentado* aos muitos de que são accusados os filhos de Santo Ignacio de Loyola.

Ordinariamente o Chinchilla tem nove a dez pollegadas de comprido, sendo demasiadamente pequenos os braços e pernas. O pelo espesso, liso, sedoso e bastante comprido é de côr cinzenta, e a fôrma da cabeça quasi como a dos coelhos. Olhos bugalhudos e negros, largas orelhas, rapadas de pêlos, e pouco mais pequenas que a cabeça. Grandes unhas em fôrma de garras lhe armam os quatro dedos das patas trazeiras.

Chinchilla está quasi sempre sentado e come levando os alimentos á bocca com as patas dianteiras; gosta de hervas seccas, preferindo o trevo e a luzerna.

Vive em familia, isto é em grupos de dez e doze, habitando as tocas das arvores que só abandonam quando tem a certeza de que é deserto o sitio onde habitam.

Este animal é docil, e facilmente se toma um d'elles sem que tente fugir, porque gosta assaz de que o acariciem. E' extraordinariamente limpo e sem receio se pode ter em qualquer lugar.

Descenderá do Chinchilha algum homem de letras d'este reino de Portugal?

### O Gerez

A' hora a que escrevo estas linhas vae grande medo no reino fidelissimo por que o Gerez está revoltado, dizem as gazetas. O Governo mandou que o exercito fosse enviado para as nevadas serranias, em pilulas, por emquanto, e lá marcharam de Braga os bravos soldados do regimento 8, mobilisando-se tambem as hostes aguerridas do 20, aquartellado em Guimarães, e não sei quantos mais destacamentos foram levados, nas azas da locomotiva, para a cidade dos Arcebispos, à espera de que os gelos do Gerez inundem o coração do Minho, desfeitos pelo calor das continuas descargas de fusilaria.

A final, segundo as nossas informações o Gerez está pacifico, apenas umas cabras, das mansas, tomaram uns quantos arrementos de arvores, o que foi bastante para amedrontar os guardas campestres que a civilisação ali mandou estacionar, para que se não diga que em sitio onde as regias realesas os pés pousaram já, não toma ares de parque arborizado, não se eleva às altas honras de real tapada.

E, santo Deus, o Gerez hade ser sempre o mesmo, erigido de picos escalvados, com uma ou outra casa derruida a pendurar-se abruptamente no alto dos serros e com as cabras e os lobos a fugirem à mais pequena bulha.

Assim .o mostra a nossa gravura, com os seus chalets e casas de fresco, com as anfractuozidades de suas rochas, com a aspereza de toda aquella natureza que só leve dois dias de festa na sua vida:—quando ali se acampam as tropas do Padre Casimiro, na Maria da Fonte, e quando lá foi El-Rei D. Luiz caçar cabras e comer as petisqueiras do Abade de Priscos.

E mais nada. O Gerez ficará sendo sempre o que tem sido, mesmo porque já não ha o *Trinta Diabos* nem o *Casal* para domar aquella gente, se acaso e a serio se revollar.

R.

## SECÇÃO NECROLOGICA



**E**STÁ de luto o venerando Prelado do Algarve, Ex.<sup>mo</sup> Rv.<sup>mo</sup> Snr. Arcebispo Bispo D. Antonio Mendes Bello, pelo fallecimento d'uma irmã, a Ex.<sup>ma</sup> Snr.<sup>a</sup> D. Antonia Mendes Bello.

Cumprimentando respeitosamente S. Ex.<sup>a</sup> Rv.<sup>ma</sup> por tão infausto acontecimento, pedimos a nossos leitores uma prece por alma da virtuosa senhora, fallecida aos quarenta annos de idade.

Na cidade do Recife (Brazil) falleceu no dia 3 de novembro passado a Ex.<sup>ma</sup> Snr.<sup>a</sup> D. Anna Maciel de Souza, esposa estremecida do nosso dedicado amigo e por vezes collaborador da nossa Revista, o Ex.<sup>mo</sup> Snr. Albino Moreira de Souza, a quem acompanhamos em sua dôr, pedindo a Deus, Senhor nosso Ihe haja dado a necessaria resignação para soffrer, à cruz abraçado, um tão profundo golpe.

A nossos leitores pedimos uma prece por alma da fallecida senhora.

Trouxera-nos ha pouco o correio a noticia do passamento de mais dois leitores do *Progresso Catholico*, o muito Rv.<sup>mo</sup> Frei Adriano Celestino de Souza, e a Ex.<sup>ma</sup> Snr.<sup>a</sup> D. Maria do Resgate Corte-Real, por alma de quem solicitamos as costumadas orações, dando aos parentes dos fallecidos sentidos pezaimes.

### RETROSPECTO DA QUINZENA

**S** Ex.<sup>a</sup> R.<sup>ma</sup> o Snr. Bispo de Nilopolis, Coadjutor do venerando Prelado Angrense, sabendo que em alguns pontos da Diocese se tem apresentado, com inaudito descaro, os agentes do Protestantismo, infiltrando na alma dos povos as perniciosas doutrinas da seita que os subsidia, fez publicar uma energica pastoral, recomendando toda a vigilancia da parte dos Pastores para evitar que a fêra damninha penetre no aprisco.

Alem da Pastoral, que muito enaltece o bondoso Prelado, sabemos que S. Ex.<sup>a</sup> R.<sup>ma</sup> tem feito espalhar varias publicações anti-protestantes, para combater directamente o mal.

Bem haja S. Ex.<sup>a</sup> R.<sup>ma</sup> que assim se-

gue as pisadas do virtuoso Prelado Coadjuvado.

Sabemos que tem augmentado muito o numero de educandas no formosissimo collegio de S. Miguel das Aves, entre Guimarães e Santo Thyrsó, havendo alli entrado varias meninas de Braga, de Guimarães, do Porto e de outras terras do paiz.

Assim vae o nosso bom Deus ajudando aquella casa, que tem á sua frente as virtuosas Salesianas, essas dedicadas obreiras da civilisação, e das mais competentes para o ensino das creanças. Esperamos que este estabelecimento cada vez prosperará mais, porque esta collocado nas melhores condições.

Ainda não pudemos organizar o indice do findo volume, razão porque não foi publicado ainda. Faremos por satisfazer a esta falta dentro em breve.

Escrevem-nos do Funchal:

Até que emfim chegaram os tão desejados Conegos. Por telegramma recebido n'esta cidade sabe-se que foram apresentados Conegos da nossa Cathedral os Ex.<sup>mos</sup> Conego Manuel Correia de Figueiredo que pedira a sua transferencia para esta Diocese, Dr. João Pinto e Vice-Reitor do Seminario Padre Ayres Pacheco. Nós que conheciamos bem os merecimentos e aptidões dos candidatos só temos a lamentar que o numero dos apresentados fosse tão pequeno e que se não preenchem tantos outros logares vagos que em tempos mais felizes se viam occupados e formavam uma verdadeira côrte ao principe da Igreja funchalense. Ainda assim louvemos ao Ceo por podermos mais uma vez ver o nosso bom Prelado cercado d'alguns Conegos, que hão-de alliviar a pesada cruz que o sobrecarregava, pois que além do gravissimo cargo de Prelado e que tão sabia e prudentemente tem desempenhado tinha tambem o de Vigario Geral, Provedor do Bispado, Examinador sygnodal e até professor de theologia; por que o unico Conego que existia era deputado da nação e como tal uma grande parte do anno passava-a na Capital.

As festas na nossa Cathedral poderão para o futuro ser celebradas com algum esplendor e a missa cantada aos domingos poderá de novo recommear, pois a tanta miseria tinhamos aqui chegado, que na 3.<sup>a</sup> cidade do reino, na cathedral frequentada por estrangeiros de todas as nações, nem ao menos podia haver missa cantada. Bemdigamos pois ao Senhor! Aos novos Conegos apresentados as nossas felicitações!

O nosso excellente collega da cidade

eterna a *Correspondencia de Roma*, encetou o 3.º anno da sua publicação, pelo que lhe enviamos com mil parabens um abraço de amigo e companheiro nas pugnas do bem contra o mal, da verdade contra o erro; e com este abraço vae a manifestação franca e sincera do prazer que nos assalta ao ver o denodo e valentia com que este nosso collega se apresenta em meio do jornalismo catholico.

De Coimbra communicam ao *Commercio do Porto* que vão começar os trabalhos para a restauração das capellas existentes no magestoso claustro do Silencio, no convento de Santa Cruz, d'aquella cidade. Foi encarregado de dirigir as obras o Sr. Parada Leitão, accrescenta o correspondente.

Esta noticia, dada na mesma occasião em que no claustro do convento de S. Francisco de Guimarães, se arrazam as capellas que ali existiam, deve fazer muito mal aos nervos *franciscanos* do Silverio por ver que o seu *recommendo*, lhe não dá o prazer de communicar aos seus leitores noticias como as que de Coimbra enviam ao *Commercio do Porto*, antes pelo contrario o obriga a calar um facto que tem indignado os bons franciscanos de Guimarães, e que o mesmo Silverio parece ter vergonha de escrever, para não desacreditar o *meretissimo* Vice que serve *para tudo* menos para deixar estar no pé em que os seculos deixaram a capella capitular dos saudosos filhos de S. Francisco.

Não tiveram as capellas do Claustro do Silencio, a desventura de estar ás ordens do *amigo* das Filhas de Maria (grandes e pequenas), se não, o mesmo fim teriam das do Claustro de S. Francisco.

O Reverendo director d'um dos centros mais florescentes das Filhas de Maria, em Portugal, fallando-nos do *Hymno das Filhas de Maria*, que tivemos o prazer de offerter-lhe, diz-nos:

«O Hymno é entusiasta, e deve realmente inflamar os corações das *Filhas de Maria* para proseguirem com coragem no caminho da Virtude, da piedade, e da dedicação. Já aqui tambem o tocamos e cantamos, e até por ser repetido quasi está de cór em todas as Filhas de Maria.»

Louvemos a Deus, que não deixou sem recompensa o pouco que esta redacção fez, com a publicação do bello hymno.

Já que fallamos de Filhas de Maria não deixemos de dar a noticia de que as de Guimarães celebraram pomposas praticas de devoção durante a novena anterior ao dia da Conceição Immaculada da SS. Virgem, havendo no dia 8 o formosissimo acto da Consagração, e

uma imponente communhão, o que honra sobremodo a piedosa phalange das filhas predilectas da SS. Virgem.

As novenas foram feitas a orgão e vozes sendo as cantoras as Filhas de Maria, que mais uma vez mostraram o fervor com que se dedicam a organizar os seus córos em honra de sua e nossa Mãe celeste. A ladainha, cantada todos os dias, era formosissima e foi desempenhada magistralmente, segundo o nosso parecer e de muitas pessoas entendidas na materia.

Ha muitas pessoas que julgam mera questão de interesses, ou de patronato, a guerra que algumas corporações fazem ás Irmãs da Caridade, e a teima com que promovem a expulsão d'essas bemfazejas creaturas dos hospitaes. Entra, e em parte muito saliente o interesse proprio ou dos amigos; mas o principal motivo porque se affasta a Irmã de ao pé dos doentes, é por ella representar a Religião Catholica, é por ellas mostrarem aos que morrem o caminho que conduz á eterna patria, é por ellas fallarem ao moribundo em Deus, na SS. Virgem, e por não consentirem que nenhum, morra sem se abraçar com o Crucifixo, sem beijar a Cruz da Redempção.

Querem uma prova do que deixamos dito? Eil-a n'uma scena passada ha pouco n'um dos hospitaes de Paris, d'onde foram retiradas as Irmãs da Caridade:

«Era quasi meia noite e uma pobre mulher que se debatia com os estertores da morte, sustentava entre as mãos uma imagem de Jesus Crucificado, que uma pessoa amiga lhe havia dado, quando uma das enfermeiras, que passava, perguntou:

—Quem deu isso á enferma?

—Não sei, respondeu uma das que ali velavam.

—Retire-lhe das mãos essa *crandice*, ordenou a enfermeira.

—Não, respondeu a creada, eu não fui que lhe dei o Christo, tambem lh'ò não tirei.

A este tempo chegava a pessoa que havia dado a Imagem á enferma, e a enfermeira ordenou-lhe que lhe tirasse o crucifixo, porque bem sabia que era prohibido n'aquella casa mostrar um Christo aos doentes.

A interpellada respondeu altaneira, que nem temia o director nem as enfermeiras; que se lhe tirasse a imagem de Jesus, seria para lh'a tornar a dar logo que estivesse só com ella, porque não queria que ninguém morresse sem ter entre as mãos o Redemptor do Mundo. E além d'isso, continuou, o divino Mestre que vós quereis supprimir, será quem vos hade julgar e a todos que agora o negam.

—Cale-se, que posso mandal-a castigar, continuou a enfermeira.

—Castigue, pôde castigar-me, se lhe apraz, porque eu não temo outros castigos senão os que vêm de Deus.»

E' para isto, para que com as Irmãs saia dos hospitaes a imagem de Christo, se apague o nome de Deus da mente dos doentes, se abafe dos labios do moribundo a palavra perdão e misericordia.

E' para que os doentes morram sem confissão, para que não tenham, na hora extrema, quem lhe falle no ceo, quem lhe segrede palavras de consolação, quem lhe ensine a morrer constrictos, e reconciliados com Deus, Senhor Nosso.

E' para isto, porque são os ensinamentos da Revolução, que a impiedade põe em pratica quando retire da cabeceira dos enfermos os Anjos da Caridade, para os substituir por mercenarios.

Ainda ha pouco noticiamos o apparecimento em Braga d'uma folha catholica, e já hoje temos a satisfação de annunciar a visita d'uma outra, que acaba de apparecer em Vizeu, sob o titulo de *Atalua Catholica*.

E' uma folha em 4 paginas, do formato do nosso «*Progresso Catholico*», e custa 1\$000 rs. em Portugal, sendo a publicação feita quinzenalmente. E' tambem destinado a publicar as Pastoraes, Portarias, etc., de S. Ex.<sup>a</sup> R.<sup>ma</sup> o Snr. Bispo da Diocese.

Bem vindo seja o novo collega, e atraz d'elle muitos bem vindos sejam para termos o prazer de ver a nossa meza de trabalho com tantos jornaes catholicos, que abafem os muitos contrarios que entram no nosso escriptorio.

Dizem os jornaes que o ex-padre Galiote, o assassino do Bispo de Madrid-Alcalá, fallecera no hospital dos doidos de Laganas. E' uma fera de menos, retirada pela mão da Providencia, da grande jaula universal. Deus tenha piedade da sua alma.

Como as folhas das arvores que se desprendem do tronco aos sopros dos vendavaes do outomno, assim as folhas d'essas grandes arvores que estendiam seus ramos por todo o reino, chamadas ordens religiosas, vão caindo uma a uma tombadas pelas rajadas de vento que a Revolução espalha ha um seculo sobre o solo da Patria.

Agora tocou a vez ao convento de Jesus, de Setubal, construcção do tempo de El-Rei D. Manuel, e cuja igreja, além de ser um primor de architectura, possui quadros de grande valor, que se dizem de Grão-Vasco.

Morreu a ultima freira, tocou a agonia tambem ao convento.

Por iniciativa do R.<sup>mo</sup> Parocho, foram ha pouco fazer uma missão à freguezia de Maceira, no concelho de Leiria, alguns missionarios, que depois foram convidados para irem a uma festividade na Ortigoza, onde foram effectivamente.

O *Districto de Leiria*, por mal informado, cremos, que não por maldade, berrou muito contra a ida dos missionarios à Ortigoza, dizendo «*que effectivamente as boas almas dos missionarios lá foram e que deitaram agua benta nas vinhas, celebraram rezas, procissões, guatimanhas, salamaks etc.*, para fazer desaparecer de vez o *phylloxera vastatrix* dos vinhedos da Ortigoza.» É assim n'este gosto; admirando-se que n'este seculo se consentisse em tal, e chamando a attenção do Prelado para taes poucas vergonhas.

Cousas dos nossos jornalistas, que muitas vezes escrevem sem se informarem dos factos.

Os povos da Ortigoza não puderam ficar silenciosos diante da noticia, e enviaram varios dementidos ao alludido jornal, entre os quaes um, que a redacção publicou, desmentindo assim o que havia affiançado, e que nós aqui transcrevemos para ensinar aos catholicos como devem proceder quando a imprensa levanta calumnias.

Eis a carta:

•*Sr. redactor.*—Com bastante indignação vi, nas columnas do seu jornal, a noticia ácerca da ida dos missionarios à Capella da Ortigosa, do fim a que lá foram e do que lá fizeram. fundada sem duvida, em falsos informes que foram dados a v.

Parece impossivel sr. redactor que houvesse quem se atravessasse a dizer o que v. noticia no seu jornal, quando não tem vislumbre algum de verdade! Pois fique v. sabendo, digo o que presenciéi, que os missionarios não foram para ali convidados afim de fazer rezas, para que das vinhas d'aquelles sitios seja afugentado o *phylloxera*; mas que tendo os povos d'aquelles sitios projectado fazer uma procissão de penitencia, afim de inplorar do ceo soccorro e protecção contra o mal que os ameaça, o *phylloxera*, convidaram um missionario para pregar, e não dois ou mais como se deprehende do plural empregado por v.

Não se realisou, por circunstancias que occorreram, n'aquelle dia, a devota procissão de penitencia, mas sim a festa em honra de S. Manuel, orando ao Evangelho o missionario que havia sido convidado, e durante o discurso nenhum ouvinte de multos centenaes que se encontravam no templo, percebeu cousas ridiculas, nem allusivas ao que v., pessimamente informado, diz ter-se praticado.

Pode, portanto, v. convencer-se que não deitaram agua benta nas vinhas, como de má fé ousou dizer o informador de v., nem celebraram resas, procissões, guatimanhas e salamalekes, para fazer desaparecer o *phylloxera* dos vinhedos da Ortigosa, não tem pouco, em tempo algum, foi dito ao povo pelos que lembraram a procissão de penitencia, que vindo ali os missionarios, o mal desapareceria completamente e que o sulphureto de carbone ficaria tido e havido como uma charlatanisse; mas que simplesmente orou ao Evangelho o referido missionario e que concluido o seu discurso que verdadeiramente a todos agradou retirou immediatamente, não esperando nem mesmo que se concluisse a missa.

Ahi tem, sr. redactor como, com tanta facilidade se dizem d'esses pobres padres, cousas que não tem fundamento algum e que só revellam a má fé de quem as inventa.

Em summa não se praticaram, nem se toleraram as palhaçadas que v. pessimamente informado, diz terem-se praticado e tolerado: mas o que se praticou foi puramente religioso e conforme o rito da Santa Igreja Catholica Apostolica Romana. Digo isto unica e simplesmente a fim de dar a v. verdadeiros informes ácerca do que ali se passou e, confiado que rectificará a referida noticia, prevenir o publico da falsidade das informações que foram dadas a v.

Sem mais creia-me com toda a consideração.»

Se todos os jornaes mostrassem a lealdade e cavalheirismo do *Districto de Leiria*, quantas vezes os haviamos visto contradizer, porque tudo quanto dizem dos Missionarios, Irmãs da Caridade, etc., são puras invenções; mas vão lá obri gal os a uma retratação! Qual! Bico ca-

lado sobre o facto, e mais nem uma palavra. Desmentir o que inventaram... isso sim!

Agradecemos, pois, ao *Districto de Leiria* a franqueza, e damos os parabens aos catholicos que se apromptaram a declarar a verdade.

Com o n.º 172 da *La Bordadora*, excellente publicação de Barcelona, recebemos um prospecto elegante e interessante para 1889, annunciando varias reformas e recommendando uma 2.ª edição mais economica, ao alcance de todas as familias.

Os debuxos por este periodico publicados, mereceram medalha de prata na exposição universal de Barcelona, e os bordados artisticos de que o mesmo periodico foi iniciador obtiveram medalha de ouro.

Ao Sr. D. Jaime Brugarolas, director d'esta publicação os nossos parabens.

J. de Freitas.

## ANNUNCIOS

### ENTRETENIMENTOS

## DO CORAÇÃO DEVOTO

COM O  
SANTISSIMO CORAÇÃO DE JESUS

Seguidos de  
alguns actos de desagravo e outros obsequios  
Para passar devotamente  
a hora que cada vez se toma de  
adoração

ao coração santissimo

COMPOSTOS PELO

PADRE THEODORO D'ALMEIDA

Approvado pelo ordinario da diocese  
do Porto e acrescentado  
com as orações da  
Missa e actos preparatorios para a Confissão  
e Comunhão

3.ª EDIÇÃO, CORRECTA E AUGMENTADA

Preço, encadernado—400 rs.

Pelo correio—425 rs.

A venda na Livraria Catholica de Manuel Malheiro—editor; 85, rua da Pizarria, 87—Porto, e na Direcção do «Progresso Catholico», rua de S. Damaso, 5 a 9 em Guimarães, sendo os pedidos acompanhados da respectiva importancia.

# O PROGRESSO CATHOLICO

## CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Continente portuguez e Hespanha, 800 reis—Ilhas, o mesmo preço, sendo feito o pagamento em moeda equivalente á do continente—Provincias ultramarinas e paizes da União Geral dos Correios, 1\$000 reis—Estados da India, China, e America, 1\$220 reis, moeda portugueza—Numero avulso 100 reis.

**As assignaturas são pagas adiantadamente, não se recebem por menos de um anno, e este principia em 30 de Outubro**

Toda a correspondencia dirigida a Teixeira de Freitas—rua de S. Damaso, 5 a 9—Guimarães